

Poemas ibéricos

Santiago Aguaded Landero

Poemas ibéricos (30) ZORAIDA BURGOS I MATHEU

20/03/2022



ZORAIDA BURGOS nasceu em Tortosa (Baix Ebre) a 10 de março 1933. Diplomada em Biblioteconomia pela Universidade de Barcelona. Bibliotecária é a sua profissão principal. Em 1970 foi-lhe atribuído o prémio *Màrius Torres* pelo seu poema *D'amors, d'enyors i d'altres coses* (1971), um livro censurado pelo regime franquista. O seu trabalho em prosa, que começou em 1971 com uma narrativa infantil, recebeu o prémio *Josep Pin i Soler* de narrativa em 1993

pela sua obra *L'obsessió de les dunes* (A obsessão das dunas).

Zoraida Burgos tem sido, durante muitos anos, a única voz feminina na literatura das Terras do Ebro. Alguns anos sem publicar poesia, em 2012 recebeu o Prémio de Poesia de Vila de Lloseta pela sua colecção *Absolc el temps*. Em 2017, a editora LaBreu compila num único volume todos os seus poemas publicados até agora e alguns poemas inéditos na antologia **Convivència d'aigües**. Este volume foi galardoado com o *Prémio da Crítica Catalã* para a melhor obra de poesia em Catalão em 2017. Nas palavras do júri do prémio, "*Convivència d'aigües é uma obra de arte comovente porque reúne num único volume os esforços de uma vida inteira. Os seus poemas testemunham a evolução de uma visão invulgar, mas reconhecível, desde o impulso dos primeiros versos até ao equilíbrio da maturidade, que lhe permite navegar entre as grandes contradições da vida, a busca da identidade e a sua própria perspectiva*".

Pàtria

La meva Pàtria?
 Son les muntanyes que miro a l'alba,
 amb les tonalitats rosades de les roques
 pel primer cop de sol.
 Les muntanyes que perfilen
 i retallen els colors de foc del capvespre
 els dies que el vent ha bufat fort.
 I és la meva pàtria el mar
 i el seu camí argentat
 les nits de lluna plena.
 I és el riu, d'aigües salvatges als estrets,
 mandroses i clares en els seus meandres
 a prop ja del seu final,
 del mar blau i feréstec.

Pátria

*A minha pátria?
 São as montanhas para as quais olho ao
 amanhecer,
 com os tons rosados das rochas
 ao primeiro nascer do sol.
 As montanhas que esboçam
 e cortam as cores do fogo noturno
 os dias em que o vento soprou forte.
 E a minha pátria é o mar
 e o seu caminho prateado
 as noites de lua cheia.
 É o rio, das águas selvagens nos estreitos,
 preguiçoso e claro nos seus meandros
 perto do seu fim,*

I la meva pàtria és la llengua, o les llengües,
 estimades i apreses o sentides.
 Son també la meva pàtria
 les persones que enyoro i que estimo,
 i les flors del gessamí i les magnòlies,
 que em transporten amb el seu perfum
 evocador,
 imatges vives
 de la pàtria que estimo.

*do mar azul e feroz.
 E a minha pátria é a língua, ou as línguas,
 estimadas e acarinhadas ou sentidas.
 São também a minha pátria
 as pessoas que eu ansio e estimo,
 e as flores de jasmim e das magnólias,
 que me transportam com o seu perfume
 evocativo,
 imagens vívidas
 da pátria que eu amo.*

(inédito) 9/12/2021

Tradução SAL. Revisão Vitor Oliveira Mateus.

Sólo la voz

Enmudecido el viento,
 inventamos el silencio, el equilibrio.
 Solo la voz, el poema,
 acerca espacios abiertos,
 acoge el tiempo
 —arena que sin piedad
 corre y no se detiene—,
 arraiga el instante, tan frágil.
 Solo la voz, el poema,
 descifra la clave, el sueño,
 el sonido profundo de los muertos,
 los signos ya oscuros de la mirada,
 la herida ardiente de los amantes,
 el rubor de las nubes al amanecer,
 el contraluz opaco del paisaje
 y las lunas flotando sobre el agua.
 Solo la voz, el poema,
 disuelve los tiempos verbales,
 somete el olvido.
 El verso retiene en los dedos el gesto,
 el escalofrío intacto de la piel.

Versión española de Carlos Vitale

Apenas a voz

*Calado o vento,
 inventamos o silêncio, o equilíbrio.
 apenas a voz, o poema
 aproxima os espaços abertos,
 acolhe o tempo
 —areia que sem piedade
 desliza e não se detém—
 agarra o instante tão frágil.
 Apenas a voz, o poema,
 decifra a chave, o sonho,
 o som profundo dos mortos.
 os sinais agora obscuros do olhar,
 a ferida acesa dos amantes,
 o fogo das nuvens
 ao romper da aurora,
 a contraluz opaca das paisagens
 e as luas flutuando sobre às águas.
 Apenas a voz, o poema,
 dissolve os tempos verbais,
 submete o esquecimento.
 O verso retém aos dedos o gesto,
 o arrepio intacto da pele.*

Tradução para português de Sofia Fonseca